



CONHECIMENTO E PERCEPÇÃO DOS ESTUDANTES DE ODONTOLOGIA SOBRE O ATENDIMENTO PEDIÁTRICO DE PACIENTES COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: ESTUDO TRANSVERSAL

Knowledge And Perception Of Dental Students About The Pediatric Care Of Patients With Autism Spectrum Disorder: A Cross-Sectional Study

RESUMO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma condição do neurodesenvolvimento marcada por dificuldades de comunicação, interação social e padrões repetitivos de comportamento. Sua prevalência crescente impõe desafios à Odontologia, como hipersensibilidade sensorial, resistência a mudanças e risco aumentado de agravos bucais. No entanto, a formação acadêmica ainda apresenta lacunas no preparo para esse atendimento. Este estudo teve como objetivo avaliar o conhecimento e as percepções de estudantes de Odontologia sobre o manejo de pacientes com TEA. Trata-se de um estudo transversal, cuja coleta de dados foi feita através de questionários estruturados aplicados a discentes da Universidade Franciscana (UFN) entre o 5º e o 10º semestre. Foi realizada análise estatística pelo teste Qui-quadrado ($p<0,05$). Foram incluídos 108 alunos. Os resultados mostraram baixa experiência prática (12,9%) e autopercepção média de preparo de 4,8/10. As principais barreiras foram a falta de vivência prática (77%) e de conteúdo teórico (62%). Apesar da insegurança (58%) e ansiedade (64%), sentimentos de empatia (49%) e satisfação profissional (43%) também se destacaram. A maioria (72%) reconheceu a necessidade de preparo básico de todo cirurgião-dentista para o atendimento de pacientes com TEA. Conclui-se que há fragilidades significativas na formação odontológica para o manejo de indivíduos com TEA, reforçando a importância de reformas curriculares e da utilização de materiais educativos complementares, como a cartilha desenvolvida, para promover uma prática mais inclusiva e humanizada.

Veridiana Pereira de Sá de Freitas

Especialista em Cirurgia e Traumatologia Bucomaxilo Facial - UFN

Orcid: <https://orcid.org/0009-0005-2327-6610>

Luisa Comerlato Jardim

TDra. Cirurgia e Traumatologia Bucomaxilo Facial – UFN

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7113-7651>

PALAVRAS-CHAVES: Educação em saúde; Espectro Autista; Formação profissional; Transtorno do Odontologia.

***Autor correspondente:**

Veridiana Pereira de Sá de Freitas
veridianabucomaxilofacial@gmail.com

Recebido em: [31-10-2025]

Publicado em: [10-11-2025]

ABSTRACT

Autism Spectrum Disorder (ASD) is a neurodevelopmental condition characterized by difficulties in communication and social interaction, along with repetitive and restricted patterns of behavior. Its rising prevalence poses challenges for Dentistry, including sensory hypersensitivity, resistance to change, and increased risk of oral health problems. However, gaps remain in undergraduate training for this type of care. This cross-sectional study aimed to assess dental students' knowledge and perceptions regarding the management of patients with ASD. Data were collected using structured questionnaires administered to students at the Universidade Franciscana (UFN) from the 5th to the 10th semesters. Statistical analysis employed the Chi-square test($p<0.05$).

A total of 108 students were included. Results showed low practical experience (12.9%) and a mean self-perceived preparedness of 4.8/10. The main barriers identified were lack of hands-on experience (77%) and insufficient theoretical content (62%). Despite feelings of insecurity (58%) and anxiety (64%), empathy (49%) and professional satisfaction (43%) also stood out. Most participants (72%) recognized that basic preparedness to treat patients with ASD should be expected of all dentists. We conclude that significant gaps persist in dental education for managing individuals with ASD, underscoring the need for curricular reforms and the use of complementary educational materials—such as the educational booklet developed—to foster more inclusive and humanized practice.

KEYWORDS **Keywords:** Autism Spectrum Disorder; Dentistry; Health education; Professional training.



INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista é uma condição do neurodesenvolvimento marcada por desafios na comunicação e interação social, além de padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades (Shetty *et al.*, 2021; Hasell *et al.*, 2022; Goldberg, 2019). Sua prevalência global tem aumentado, exigindo que os serviços de saúde se adaptem para um atendimento inclusivo.

Na Odontologia, o atendimento a indivíduos com TEA apresenta desafios específicos. Pacientes com TEA podem exibir hipersensibilidade sensorial a estímulos odontológicos comuns, como sons de equipamentos, luzes e odores, além de resistência a mudanças e dificuldades de comunicação. Esses fatores podem tornar a consulta odontológica aversiva, resultando em tratamentos inadequados ou na ausência de assistência, o que prejudica a saúde bucal dessa população. A literatura também indica que crianças com TEA podem ter maior risco de problemas bucais como cáries, doença periodontal e bruxismo, devido a fatores como seletividade alimentar, dificuldades na higiene bucal e uso de medicações (Alshehri; Alghamdi, 2023; Hasell *et al.*, 2022).

Apesar da crescente demanda, a formação acadêmica em Odontologia ainda apresenta lacunas na preparação dos profissionais para o manejo de pacientes com necessidades especiais, incluindo o público autista (Lynch *et al.*, 2023; Diekamp *et al.*, 2020). Muitos estudantes sentem-se inseguros e ansiosos ao atender crianças com TEA, o que pode afetar a qualidade do cuidado e o acesso à saúde bucal.

Diante desse cenário, é fundamental investigar o conhecimento atual dos estudantes de Odontologia sobre o atendimento a pacientes com TEA. Compreender esse conhecimento e suas percepções é crucial para identificar lacunas formativas e desenvolver estratégias pedagógicas e recursos didáticos que promovam maior confiança e preparo.

Este estudo teve como objetivo avaliar o conhecimento e as percepções de estudantes de Odontologia sobre o manejo de pacientes com TEA.

2. MATERIAL E MÉTODOS

Trata-se de um estudo transversal, redigido e relatado em consonância com as recomendações da diretriz STROBE para estudos observacionais. O manuscrito segue organização



metodológica compatível com esse tipo de delineamento, descrevendo população, critérios de elegibilidade, procedimentos de coleta, análise estatística e aspectos éticos.

A pesquisa foi conduzida junto à graduação em Odontologia da Universidade Franciscana (UFN), em Santa Maria – RS. A coleta de dados ocorreu por meio da aplicação de questionário estruturado on-line aos estudantes a partir do 5º semestre, fase em que se iniciam vivências clínicas e teórico-práticas relacionadas ao atendimento de pacientes com necessidades especiais, o que os qualifica a responder ao instrumento proposto.

Foram considerados elegíveis estudantes regularmente matriculados no curso de Odontologia da UFN, do 5º ao 10º semestre, com idade igual ou superior a 18 anos e que aceitaram participar voluntariamente. Foram excluídas respostas incompletas que inviabilizassem a análise, duplicidades identificadas por controles digitais da plataforma de coleta e respostas de estudantes temporariamente afastados de atividades acadêmicas (por motivo de saúde, intercâmbio, trancamento ou licença) ou que ainda não tivessem cursado disciplinas clínicas pertinentes no período da coleta.

A coleta foi realizada por meio de questionário estruturado, on-line e autoaplicado, direcionado aos discentes elegíveis. O instrumento contemplou: (i) variáveis sociodemográficas e acadêmicas (idade, sexo, semestre, experiências prévias com pacientes com necessidades especiais); (ii) conhecimentos sobre TEA e manejo odontológico; (iii) percepções e atitudes frente ao atendimento de pacientes com TEA; e (iv) autoavaliação de preparo e necessidade de capacitação. Os blocos (ii) a (iv) utilizaram escalas do tipo Likert de cinco pontos (discordo totalmente a concordo totalmente), além de itens dicotômicos e de múltipla escolha. O tempo estimado de resposta foi de 8–12 minutos. Antes da aplicação definitiva, o instrumento foi submetido a avaliação de clareza por juízes de conteúdo e a um pré-teste com pequeno grupo de estudantes para ajustes de linguagem e ordenamento dos itens. A divulgação do link ocorreu por canais institucionais e turmas, assegurando o preenchimento único por participante por meio de restrições da plataforma e checagens de duplicidade. As respostas foram coletadas de forma anônima.

Procedeu-se à análise descritiva das variáveis, com apresentação de frequências absolutas e relativas para variáveis categóricas e de medidas de tendência central e dispersão para variáveis contínuas. Associações entre variáveis categóricas foram verificadas pelo teste do qui-quadrado (χ^2). O nível de significância foi fixado em 5% ($p < 0,05$). As análises foram realizadas no software IBM SPSS Statistics, versão 26.



A pesquisa atendeu integralmente às diretrizes éticas vigentes, conforme a Resolução CNS nº 466/2012 e a Resolução CNS nº 510/2016, tendo sido submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFN, sob o parecer nº 7.713.111. Todos os participantes foram informados sobre os objetivos do estudo, a natureza voluntária da participação e o sigilo das informações, registrando o aceite eletrônico antes do início do questionário.

RESULTADOS

A população elegível deste estudo foi composta por 168 estudantes de Odontologia da Universidade Franciscana (UFN), matriculados entre o 5º e o 10º semestre. A distribuição foi de 29 estudantes no 5º semestre, 30 no 6º, 19 no 7º, 36 no 8º, 20 no 9º e 34 no 10º semestre. Do total, 108 estudantes participaram efetivamente da pesquisa, representando uma taxa de resposta de 64,3%.

Semestre	Estudantes matriculados (N)	Respondentes (N)	Taxa de adesão (%)
5º	29	06	20,7%
6º	30	10	33,3%
7º	19	09	47,4%
8º	36	13	36,1%
9º	20	06	30,0%
10º	34	09	26,5%
Total	168	108	64,3%

Tabela 1 – Distribuição dos estudantes de Odontologia elegíveis e respondentes por semestre. *Fonte: Dados da pesquisa (2025).*

A média de idade dos participantes foi de 22,3 anos ($\pm 2,2$), variando entre 19 e 32 anos. Quanto ao gênero, observou-se predominância do sexo feminino (79,6%, n=86), em comparação ao masculino (20,4%, n=22).

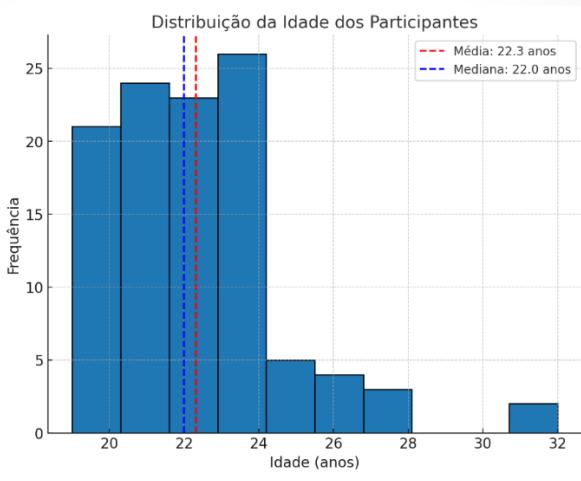


Figura 1 – Distribuição da idade dos participantes da amostra. Distribuição etária dos estudantes de Odontologia participantes da pesquisa ($n=168$). Observa-se concentração maior entre 21 e 25 anos, com média de 23,5 anos e mediana de 23 anos.

No que diz respeito à formação prévia, 46,3% ($n=50$) dos estudantes afirmaram já ter cursado disciplina voltada ao atendimento de pacientes com necessidades especiais, enquanto 53,7% ($n=58$) nunca tiveram contato curricular específico sobre o tema. Além disso, apenas 19,4% ($n=21$) relataram participação em atividades extracurriculares, como palestras, cursos ou workshops sobre TEA, evidenciando escassez de iniciativas complementares.

A vivência prática mostrou-se restrita: apenas 12,9% ($n=14$) dos participantes relataram já ter atendido pacientes com TEA, em sua maioria durante atividades clínicas universitárias.

Na autoavaliação do preparo geral para atendimento de pacientes autistas, em escala de 0 a 10, a média atribuída foi de 4,8 pontos, com concentração de respostas entre notas 3 e 6. Apenas 7% dos estudantes consideraram-se bem preparados (nota ≥ 8), enquanto 25% atribuíram notas iguais ou inferiores a 3, evidenciando baixo nível de confiança.

Em relação às barreiras formativas percebidas, destacaram-se: falta de experiência prática (77%), ausência de conteúdo teórico suficiente (62%), preparo insuficiente do corpo docente (38%) e inadequação da estrutura física das clínicas universitárias (23%). No que tange aos sentimentos associados ao atendimento de pacientes com TEA, os mais relatados foram ansiedade (64%), insegurança (58%) e desafio positivo (55%). Entretanto, sentimentos de empatia (49%) e satisfação profissional (43%) também foram frequentes, demonstrando que, apesar da insegurança, os estudantes reconhecem o valor e a relevância social desse tipo de atendimento.

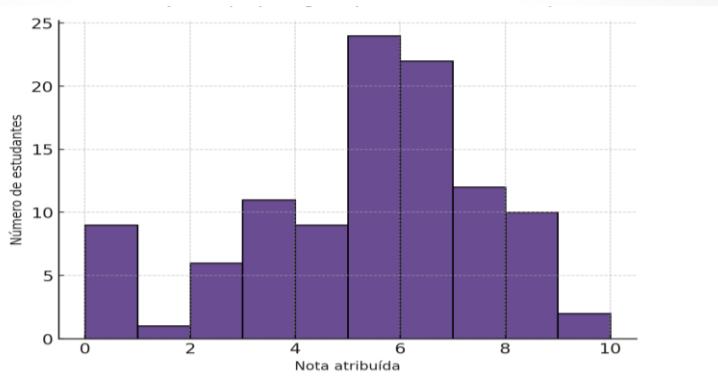


Figura 2 - Autoavaliação de preparo geral para atendimento de pacientes com TEA.
Fonte: Dados da pesquisa (2025).

Por fim, ao serem questionados se o atendimento a pacientes com TEA deveria constituir uma competência básica ou restrita a especialistas, 72% dos respondentes consideraram que todo cirurgião-dentista deve possuir preparo mínimo para atender essa população. Quando testadas as associações entre a variável semestre e já ter atendido um paciente com TEA, a percepção sobre estar preparado para atender o paciente TEA e já ter atendido um paciente TEA, todos os testes resultaram em valores estatisticamente significativos ($p=0,001, 0,000, 0,015$ respectivamente).

DISCUSSÃO

Os principais achados deste estudo revelam fragilidades importantes na formação acadêmica dos estudantes de Odontologia em relação ao atendimento de pacientes com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Observou-se que apenas 12,9% dos participantes tiveram experiência prática com indivíduos autistas, e que a autopercepção de preparo para esse atendimento obteve média de 4,8 em uma escala de 0 a 10, com concentração de respostas entre notas baixas e intermediárias. Além disso, 77% relataram a falta de experiência prática como principal barreira formativa, seguida da ausência de conteúdo teórico suficiente (62%) e do preparo insuficiente do corpo docente (38%). Ainda assim, sentimentos como empatia (49%) e satisfação profissional (43%) também foram expressivos, demonstrando disposição dos estudantes para esse tipo de atendimento, desde que apoiados por uma formação mais adequada.



Os resultados desta pesquisa evidenciam, de forma clara, que ainda existe uma lacuna significativa na formação acadêmica dos estudantes de Odontologia quanto ao atendimento de pacientes com TEA. Observou-se que, embora a maioria reconheça a importância do preparo teórico e prático para esse tipo de atendimento, poucos relataram sentir-se efetivamente capacitados para conduzir consultas de forma segura e acolhedora. Esse dado corrobora estudos prévios, como (Souza *et al.*, 2019), que já apontavam a ausência de conteúdos específicos na graduação e o consequente despreparo profissional frente a pacientes com necessidades especiais. Esses resultados evidenciam que, embora os alunos reconheçam a relevância social do atendimento a pacientes com TEA, a maioria não se sente preparada para conduzir consultas de forma segura e acolhedora, corroborando achados de estudos anteriores que apontam o despreparo dos futuros cirurgiões-dentistas frente a pacientes com necessidades especiais.

Ao analisar as características da amostra, verificou-se a participação de estudantes distribuídos entre o 5º e o 10º semestre, o que possibilitou contemplar diferentes estágios de formação acadêmica e vivência clínica. A média de idade encontrada foi de 22,3 anos, predominando jovens adultos em fase inicial de construção profissional, com forte presença do sexo feminino (79,6%). Essa configuração reflete o perfil atual dos cursos de Odontologia no Brasil, nos quais a maior parte dos discentes é composta por mulheres jovens. A heterogeneidade entre os semestres permitiu identificar que os alunos em fases mais avançadas relataram maior contato; é notório que alunos dos semestres mais avançados demonstraram maior contato, ainda que incipiente, com pacientes com TEA, ao passo que os iniciais, embora conscientes da relevância do tema, relataram dificuldades acentuadas relacionadas à comunicação, ao manejo de sensibilidades sensoriais e à cooperação do paciente. Esse padrão sugere que a experiência clínica, embora limitada, contribui para uma percepção mais realista dos desafios enfrentados, como apontam (Gonçalves *et al.*, 2020).

Além disso, foi possível observar que os estudantes identificaram como principais barreiras a falta de conteúdo curricular específico, a ausência de vivência prática e a inadequação de clínicas universitárias para acolher pacientes com TEA. Tais achados dialogam com a literatura nacional e internacional, que ressalta a importância da formação interprofissional e da utilização de metodologias ativas no ensino (Rodríguez *et al.*, 2021; Ferrazzano *et al.*, 2022). A ausência de estratégias pedagógicas que contemplem cenários simulados, protocolos adaptados e parcerias com centros especializados contribui para perpetuar a insegurança relatada pelos discentes. Do ponto de vista científico e pedagógico, os



resultados desta pesquisa reforçam a urgência de reformas curriculares que contemplem o atendimento de pacientes com TEA como competência básica de todos os cirurgiões-dentistas (Gonçalves *et al.*, 2020; Como *et al.*, 2023). Esse avanço contribuirá não apenas para maior segurança profissional, mas também para a redução das barreiras de acesso aos serviços odontológicos por essa população.

Nesse contexto, sugere-se que futuras investigações explorem diferentes dimensões desse problema, ampliando a análise para múltiplas instituições de ensino a fim de comparar as realidades curriculares do país, assim como acompanhando longitudinalmente os estudantes para avaliar a evolução de suas percepções ao longo da graduação. Além disso, seria relevante investigar a eficácia de metodologias inovadoras, como simulação realística, uso de tecnologias digitais e integração multiprofissional no processo de ensino-aprendizagem, bem como analisar a perspectiva de pacientes e familiares em relação ao atendimento odontológico recebido. Estudos que desenvolvam e validem protocolos específicos de atendimento para pacientes com TEA também podem representar uma contribuição essencial para consolidar práticas clínicas seguras, humanizadas e efetivas.

Os resultados deste estudo evidenciam fragilidades na formação dos estudantes de Odontologia em relação ao atendimento de pacientes com TEA. Embora 46,3% tenham cursado disciplinas voltadas ao atendimento de pacientes com necessidades especiais, apenas 12,9% relataram experiência prática com indivíduos autistas e a autopercepção de preparo obteve média de apenas 4,8 em uma escala de 0 a 10. Esse cenário reforça que a formação odontológica tradicional ainda não contempla, de forma satisfatória, conteúdos e vivências voltados ao manejo clínico desses pacientes (Souza *et al.*, 2019; Czornobay *et al.*, 2017).

A ausência de práticas supervisionadas e de módulos obrigatórios voltados a pacientes especiais pode resultar em profissionais inseguros, despreparados e, muitas vezes, resistentes ao atendimento dessa população. Esse aspecto é particularmente preocupante diante do aumento contínuo da prevalência do TEA, estimada atualmente em 1 a cada 54 crianças (Fernandes *et al.*, 2020). Considerando esse crescimento, é razoável afirmar que a demanda por atendimento odontológico a essa população também se ampliará, tornando indispensável que os futuros cirurgiões-dentistas estejam preparados para oferecer cuidado qualificado e humanizado.

O manejo odontológico de indivíduos com TEA requer não apenas conhecimento técnico, mas também sensibilidade para compreender suas particularidades comportamentais e



sensoriais. Estratégias como dessensibilização gradual, uso de recursos visuais e reforço positivo são apontadas na literatura como eficazes para favorecer a cooperação durante os atendimentos. No presente estudo, porém, apenas 12,9% dos estudantes relataram experiência prática com pacientes autistas, e a autopercepção média de preparo foi de 4,8 em uma escala de 0 a 10. Esses dados revelam que, embora conheçam teoricamente algumas técnicas de manejo, a aplicação prática ainda é insuficiente na formação. Além disso, sentimentos de ansiedade (64%) e insegurança (58%) foram mais prevalentes entre os participantes, reforçando a necessidade de vivências clínicas supervisionadas que possibilitem colocar em prática os conhecimentos adquiridos. Dessa forma, os resultados apontam que a insegurança relatada pelos discentes está diretamente associada à falta de preparo prático, demonstrando a urgência de uma formação que associe teoria e prática no atendimento de pacientes com TEA.

Outro ponto relevante é a importância da abordagem interdisciplinar. A colaboração entre Odontologia, Terapia Ocupacional, Psicologia e Educação Especial é indicada como um caminho essencial para ampliar a qualidade da assistência a pacientes autistas (Rodríguez *et al.*, 2021; Ferrazzano *et al.*, 2022). Inserir práticas integradas desde a graduação pode contribuir para maior segurança dos futuros profissionais e para a construção de um atendimento mais inclusivo e centrado no paciente.

Apesar da relevância dos achados, este estudo apresenta limitações que devem ser consideradas na interpretação dos resultados. Primeiramente, o delineamento transversal impossibilita avaliar a evolução das percepções dos estudantes ao longo da graduação, restringindo a análise a um recorte pontual no tempo. Além disso, a participação voluntária pode ter gerado viés de seleção, uma vez que estudantes com maior interesse pelo tema ou que se sentiam mais confiantes em seus conhecimentos podem ter se engajado mais, superestimando o nível geral de preparo. Outro aspecto refere-se ao viés de sobrevivência, pois apenas alunos ativos foram contemplados, desconsiderando aqueles que interromperam ou abandonaram o curso, os quais poderiam apresentar perfis distintos de conhecimento e percepção. Também é importante destacar que o instrumento utilizado avaliou prioritariamente o conhecimento teórico, sem mensurar de forma prática a capacidade de manejo clínico diante de situações reais, o que limita a compreensão da competência efetiva dos futuros profissionais. Soma-se a isso o fato de o questionário não ter passado por processo formal de validação em populações semelhantes, o que restringe comparações mais consistentes com outros contextos acadêmicos. Apesar dessas limitações, os dados obtidos fornecem subsídios relevantes para o planejamento



de estratégias pedagógicas, sinalizando lacunas formativas que precisam ser sanadas para preparar adequadamente os estudantes de Odontologia para o atendimento de pacientes com TEA. Além disso, aprimorar a educação odontológica para incluir treinamento abrangente sobre o manejo de pacientes com deficiências de desenvolvimento, particularmente aqueles com transtorno do espectro autista, é crucial para aprimorar a preparação, as atitudes e a confiança dos dentistas no tratamento dessa população (Lynch *et al.*, 2023). Uma observação pertinente de pesquisas anteriores indica que experiências clínicas negativas com pacientes com deficiências impedem significativamente os dentistas de prestar atendimento, ressaltando a necessidade de aprimorar as técnicas de comunicação, ajustes na infraestrutura e treinamento abrangente em prestação de cuidados inclusivos (Valderrama *et al.*, 2020).

Assim, os achados desta pesquisa corroboram a necessidade de reformas curriculares urgentes, contemplando aulas e módulos específicos sobre TEA, associando teoria e prática em uma perspectiva interdisciplinar. Esse preparo não deve ser restrito a especialistas, mas entendido como uma competência básica para todos os cirurgiões-dentistas, ampliando o acesso e reduzindo desigualdades no atendimento em saúde bucal (Gonçalves *et al.*, 2020).

Apesar dos resultados relevantes, este estudo apresenta limitações importantes. O viés de seleção deve ser considerado, já que a participação voluntária pode ter atraído estudantes com maior interesse pelo tema ou que se sentiam mais confiantes em seus conhecimentos, superestimando o preparo percebido. O viés de sobrevivência também está presente, pois apenas alunos ativos participaram da pesquisa, sem incluir aqueles que abandonaram o curso, os quais poderiam apresentar perfis diferentes de conhecimento. A validade externa da pesquisa é restrita, pois foi conduzida em uma única instituição de ensino superior no sul do Brasil, limitando a generalização dos achados para outros contextos geográficos e acadêmicos (Ocanto *et al.*, 2020; Diekamp *et al.*, 2020).

Além disso, o instrumento utilizado avaliou sobretudo o conhecimento teórico, não permitindo aferir a real capacidade de aplicação em situações clínicas. Assim, um aluno pode demonstrar domínio conceitual sobre técnicas de manejo, mas ainda enfrentar dificuldades práticas diante de um paciente autista. Outro ponto limitador refere-se ao fato de o questionário não ter sido previamente validado em populações semelhantes, o que restringe a possibilidade de comparações mais robustas com outros contextos (Prado; Oliveira, 2019).

Para superar essas limitações, recomenda-se que estudos futuros adotem delineamentos longitudinais, acompanhando os mesmos alunos ao longo do curso, a fim de identificar



mudanças em suas percepções e competências. Também se sugere o uso de metodologias práticas, como simulações clínicas e *role-play*, além da incorporação de abordagens qualitativas, como entrevistas ou grupos focais, capazes de aprofundar a compreensão sobre as atitudes e sentimentos dos estudantes (Zerman *et al.*, 2023). Tais estratégias poderão fornecer evidências mais consistentes para subsidiar mudanças curriculares e práticas pedagógicas inovadoras no ensino odontológico voltado a pacientes com TEA. Além disso, a incorporação de abordagens pedagógicas diversas que incluem a educação interprofissional pode enriquecer ainda mais a compreensão dos alunos e suas habilidades colaborativas, preparando-os para uma abordagem de equipe no cuidado ao paciente (Shawahna *et al.*, 2021). Essa abordagem abrangente também abordaria as lacunas identificadas na alfabetização em saúde mental e na clarificação do papel profissional entre os estudantes de Odontologia, melhorando assim sua preparação para tratar indivíduos com necessidades complexas (Zechner *et al.*, 2022).

CONCLUSÃO

Conclui-se, portanto, que há necessidade imediata de reestruturação da formação odontológica, de modo a preparar adequadamente os futuros profissionais para atender uma população em crescimento e que demanda cuidados adaptados. A elaboração da cartilha educativa direcionada a estudantes de Odontologia sobre o atendimento a pacientes infantis com TEA mostrou-se uma estratégia pedagógica inovadora e necessária. Embora não substitua a vivência clínica supervisionada, a cartilha constitui um recurso complementar valioso, capaz de ampliar o repertório de conhecimentos, estimular a empatia e promover práticas mais inclusivas. Considerando o aumento da prevalência do TEA e a demanda crescente por atendimentos adaptados, instrumentos didáticos como este tornam-se essenciais para preparar futuros cirurgiões-dentistas. Ao aproximar teoria e prática, a cartilha contribui para a construção de uma Odontologia mais humanizada, equitativa e alinhada às necessidades da população autista. Os resultados aqui apresentados corroboram a literatura nacional e internacional ao evidenciar a necessidade urgente de reformas curriculares que tornem o atendimento a pacientes com TEA uma competência básica de todo cirurgião-dentista, e não um campo restrito a especialistas. Somente a partir de uma formação sólida, interdisciplinar e humanizada será possível reduzir as desigualdades no acesso à saúde bucal, ampliar a segurança dos futuros profissionais e garantir atendimentos mais qualificados e acolhedores para essa população em constante crescimento. Recomenda-se que estudos futuros explorem a aplicação da cartilha em



diferentes contextos acadêmicos, avaliando sua efetividade como ferramenta de ensino-aprendizagem e identificando possibilidades de aprimoramento. Além disso, a integração do material a currículos de graduação pode favorecer a consolidação de uma formação mais completa e inclusiva.

AGRADECIMENTOS E FINANCIAMENTO

A autora agradece à Universidade Franciscana (UFN) pelo apoio institucional e pela disponibilização dos meios necessários para a realização desta pesquisa. Um agradecimento especial à Prof.^a Dra. Luisa Cormelato Jardim, pela orientação dedicada, incentivo constante e pelas valiosas contribuições científicas ao longo de todo o desenvolvimento do estudo.

Agradece-se, ainda, aos alunos do Curso de Odontologia da Universidade Franciscana, pela participação e colaboração na execução desta pesquisa, contribuindo de forma significativa para o alcance dos objetivos propostos.

Este trabalho não recebeu apoio financeiro de agências de fomento públicas, comerciais ou sem fins lucrativos.

REFERÊNCIAS

ALJUBOUR, Ala et al. Effect of Culturally Adapted Dental Visual Aids on Oral Hygiene Status during Dental Visits in Children with Autism Spectrum Disorder: A Randomized Clinical Trial. **Children**, v. 9, n. 5, p. 666, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.3390/children9050666>. Acesso em: 15 jun. 2025.

ALSHERHI, Mustafa; ALGHAMDI, Najla. Oral health findings and evaluation among autistic children in Saudi Arabia. **International Journal of Science and Research Archive**, v. 9, n. 2, p. 0595-0604, 2023.

AMERICAN ACADEMY OF PEDIATRIC DENTISTRY. **Guideline on Management of Pediatric Patients with Autism Spectrum Disorders. The Reference Manual of Pediatric Dentistry**, Chicago, v. 45, n. 6, p. 273-282, 2023.



CERMAK, Sharon A.; CURTIN, C.; BANDINI, L. G. Food selectivity and sensory sensitivity in children with autism spectrum disorders. **Journal of the American Dietetic Association**, v. 110, n. 12, p. 1881-1889, 2010.

CIRIO, Silvia et al. Use of Visual Pedagogy to Help Children with ASDs Facing the First Dental Examination: A Randomized Controlled Trial. **Children**, v. 9, n. 2, p. 195, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.3390/children9020195>. Acesso em: 15 jun. 2025.

CZORNOBAY, Andressa Mafeis Cardoso et al. Atendimento odontológico de pacientes com necessidades especiais: desafios na formação acadêmica. **Revista da ABENO**, v. 17, n. 1, p. 20-28, jan./abr. 2017.

DIEKAMP, Max et al. Restoration of an Upper Anterior Tooth in an Adolescent with Autism Spectrum Disorder—A Student Case Report. **Children**, v. 7, n. 11, p. 237, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.3390/children7110237>. Acesso em: 15 jun. 2025.

EADES, Demi et al. Conhecimento, experiência e confiança de profissionais da odontologia do Reino Unido no tratamento de pacientes com autismo. **BDJ**, v. 227, n. 6, p. 504-508, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1038/s41415-019-0786-5>. Acesso em: 15 jun. 2025.

GRANATA, Concetta M. Dental care for patients with autism spectrum disorder: a review of the literature. **Journal of Clinical Pediatric Dentistry**, v. 42, n. 2, p. 83-89, 2018.

HASELL, Sara; HUSSAIN, Ahmed; DA SILVA, Keith. The Oral Health Status and Treatment Needs of Pediatric Patients Living with Autism Spectrum Disorder: A Retrospective Study. **Cureus**, v. 14, n. 1, e21061, 2022. Disponível em: <https://www.cureus.com/articles/84318-the-oral-health-status-and-treatment-needs-of-pediatric-patients-living-with-autism-spectrum-disorder-a-retrospective-study>. Acesso em: 15 jun. 2025.

JABER, M. A. Dental caries and periodontal disease in children with autism spectrum disorder: a systematic review. **Journal of Clinical Pediatric Dentistry**, v. 43, n. 4, p. 221-227, 2019.



JÚNIOR, A. F. S. et al. Oral health status of children and adolescents with autism spectrum disorder: a systematic review and meta-analysis. **Journal of Autism and Developmental Disorders**, v. 50, n. 10, p. 3705-3717, 2020.

LYNCH, M. et al. Preparedness of Dentists to Manage Anxiety in Developmentally Disabled Patients. **International Journal of Dentistry**, v. 2023, p. 1903411, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1155/2023/1903411>. Acesso em: 15 jun. 2025.

MANSOOR, S. et al. Barriers to dental care for children with autism spectrum disorder in Brazil. **Special Care in Dentistry**, v. 38, n. 6, p. 421-428, 2018.

MATTEUCCI, Marissa et al. Remote Training of Dental Students and Professionals to Promote Cooperative Behavior in Patients with Intellectual and Developmental Disabilities. **Journal of Autism and Developmental Disorders**, v. 52, n. 4, p. 1779-1789, 2022.

MURSHID, Ebtissam Z. Dental knowledge of educators and healthcare providers working with children with autism spectrum disorders. **Journal of Clinical Pediatric Dentistry**, v. 39, n. 4, p. 343-349, 2015.

MURSHID, M. et al. Effectiveness of desensitization protocols in reducing anxiety and challenging behaviors during dental treatment in children with autism spectrum disorder: a systematic review. **Journal of Clinical Pediatric Dentistry**, v. 47, n. 2, p. 101-110, 2023.

NUR, Arnela et al. The Development of Psycho-educational Module of Dental Management for Primary Caregivers and Teachers of Autism Children: A Qualitative Study in Special Region of Yogyakarta, Indonesia. **Dental Journal**, v. 55, n. 4, p. 207-214, 2022. Disponível em: <https://e-journal.unair.ac.id/MKG/article/view/36421>. Acesso em: 15 jun. 2025.

OCANTO, Romer et al. The development and implementation of a training program for pediatric dentistry residents working with patients diagnosed with ASD in a special needs dental clinic. **Journal of Dental Education**, v. 84, n. 4, p. 397-404, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1002/jdd.12049>. Acesso em: 15 jun. 2025.



OLIVEIRA, A. C.; DA ROCHA, M. J. C. Dental care for patients with autism spectrum disorder: a review of the literature. **Journal of Clinical Pediatric Dentistry**, v. 45, n. 3, p. 153-160, 2021.

PRADO, A. P. M.; OLIVEIRA, A. C. Percepção de estudantes de Odontologia sobre a formação acadêmica no atendimento a pacientes com necessidades especiais. **HU Revista**, v. 45, n. 3, p. 1-9, jul./set. 2019.

SHAWHNA, Ramzi et al. Are medical students in Palestine adequately trained to care for individuals with autism spectrum disorders? A multicenter cross-sectional study of their familiarity, knowledge, confidence, and willingness to learn. **BMC Medical Education**, v. 21, n. 1, p. 1-13, 2021.

SILVA, R. A. et al. Efficacy of visual aids and gradual desensitization in improving cooperation during dental treatment in children with autism spectrum disorder: a randomized controlled trial. **Journal of Clinical Pediatric Dentistry**, v. 46, n. 1, p. 33-40, 2022.

SHEARER, S. H. K.; SHEARER, D. K. **Autism spectrum disorder in a dental office - a review**. 2021. Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/356538965_Autism_Spectrum_Disorder_in_a_Dental_Office_-_A_Review. Acesso em: 15 jun. 2025.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO APLICADO

**PERCEPÇÕES E CONHECIMENTO DOS ESTUDANTES DE
ODONTOLOGIA SOBRE O ATENDIMENTO PEDIATRICO DE PACIENTES
COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: UM ESTUDO
QUANTITATIVO**

Este questionário visa analisar a percepção dos estudantes de odontologia sobre as dificuldades enfrentadas no atendimento de pacientes com Transtorno do Espectro Autista (TEA), identificar lacunas na formação acadêmica e propor estratégias para melhorar a preparação dos futuros profissionais. Sua participação é fundamental para o aprimoramento curricular e o desenvolvimento de protocolos específicos de atendimento.

Dados Demográficos

- **Idade:** _____ anos (Resposta numérica)
- **Gênero:**
 Feminino
 Masculino
 Prefiro não informar
 Outro: _____
- **Instituição de ensino:** _____
- **Semestre/periódo atual do curso:** _____
- **Telefone de contato:** _____
- **E-mail:** _____

Perfil do Participante**Experiência Acadêmica**



1. Você já cursou alguma disciplina específica sobre atendimento a pacientes com necessidades especiais?

- Sim
- Não

Se sim, esta disciplina era:

- Obrigatória
- Optativa

2. Você já participou de alguma atividade extracurricular (curso, palestra, workshop) sobre TEA?

- Sim
- Não

Conhecimento Básico sobre o TEA e Atendimento Odontológico

1. O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é caracterizado por:

- a) Déficits persistentes na comunicação e interação social, além de padrões restritos e repetitivos de comportamento
- b) Alterações exclusivamente motoras que prejudicam a mastigação
- c) Hipersensibilidade auditiva causada por uso precoce de instrumentos odontológicos
- d) Predisposição genética para doenças periodontais

2. Em relação à comunicação com o paciente com TEA durante a consulta odontológica, é mais indicado:

- a) Utilizar comandos simples, objetivos e, se necessário, comunicação visual (pictogramas)
- b) Utilizar linguagem técnica e detalhada para estimular a cognição do paciente
- c) Conversar durante todo o atendimento para criar múltiplos estímulos auditivos
- d) Falar alternadamente em português e inglês para facilitar a atenção



3. Para reduzir a ansiedade do paciente com TEA no consultório odontológico, é recomendado:

- a) Utilizar técnicas de adaptação gradual (dessensibilização) e minimizar estímulos sensoriais
- b) Agendar o atendimento após procedimentos cirúrgicos, para o paciente já estar sob efeito de medicação
- c) Aumentar a iluminação e os ruídos para promover a habituação rápida
- d) Oferecer anestesia geral sempre que possível, independentemente da situação

4. Durante a consulta odontológica, o profissional deve:

- a) Respeitar a rotina do paciente e preparar o ambiente para previsibilidade
- b) Promover surpresas agradáveis para treinar a flexibilidade emocional
- c) Alterar constantemente os instrumentos utilizados para testar a sensibilidade oral
- d) Atender primeiro os dentes anteriores e depois decidir o restante conforme a reação

5. Sobre a sensibilidade sensorial em pacientes com TEA, é correto afirmar que:

- a) Pode haver tanto hipersensibilidade como hipossensibilidade aos estímulos táteis, auditivos e visuais
- b) É raro encontrar pacientes com TEA que se incomodem com barulhos ou luzes fortes
- c) A hipersensibilidade é exclusiva da cavidade oral
- d) O uso de turbinas de alta rotação é sempre indicado para dessensibilização auditiva

6. Em relação ao reforço positivo no atendimento de pacientes com TEA, entende-se que:

- a) Pequenas recompensas ou elogios devem ser dados após comportamentos desejáveis para incentivar a cooperação
- b) A ausência de resposta emocional por parte do dentista é suficiente como reforço
- c) O reforço deve ser evitado para não criar dependência emocional no paciente
- d) Deve-se usar recompensas apenas em atendimentos hospitalares



7. Pacientes com TEA podem apresentar risco aumentado para doenças bucais devido:

- a) À maior resistência às práticas de higiene oral e a padrões alimentares seletivos
- b) Ao excesso de escovação diária promovida por hipersensibilidade táctil
- c) À alta capacidade de autocuidado dentário desde a infância
- d) Ao uso rotineiro de bochechos anti-inflamatórios desde a primeira infância

8. Quanto ao planejamento de atendimento para pacientes com TEA, é mais adequado:

- a) Realizar consultas curtas e objetivas, priorizando procedimentos menos invasivos inicialmente
- b) Agendar o maior número de procedimentos possíveis em uma única consulta para reduzir a necessidade de retornos
- c) Sempre iniciar o atendimento com procedimentos complexos, para testar a colaboração do paciente
- d) Utilizar trilhas sonoras infantis animadas no consultório para tornar a consulta mais dinâmica

9. A importância do trabalho interdisciplinar no cuidado de pacientes com TEA está em:

- a) Integrar diferentes áreas da saúde para atender às necessidades amplas do paciente, promovendo melhor qualidade de vida
- b) Diminuir o tempo de consulta odontológica por meio de relatórios prontos de outros profissionais
- c) Evitar que o dentista precise realizar avaliação clínica comportamental
- d) Delegar o atendimento de pacientes com dificuldades para outros profissionais automaticamente

10. Em casos de necessidade de sedação para atendimento odontológico de pacientes com TEA, é fundamental:

- a) Avaliar previamente a indicação clínica, considerando alternativas como dessensibilização antes de optar pela sedação
- b) Sedar todo paciente com TEA para facilitar o atendimento independentemente do quadro clínico
- c) Utilizar métodos de sedação domiciliar recomendados por terapeutas ocupacionais
- d) Submeter o paciente diretamente à anestesia geral sem avaliação prévia da equipe multiprofissional

Experiência Clínica

1. **Você já atendeu algum paciente com TEA durante sua formação acadêmica?**
 Sim
 Não
2. **Se sim, quantos pacientes aproximadamente?**
 1-2
 3-5
 Mais de 5
3. **Este atendimento ocorreu em:**
 Clínica da faculdade
 Estágio externo
 Outro: _____
4. **Você possui algum familiar ou pessoa próxima com TEA?**
 Sim
 Não
5. **Você tem interesse em atender pacientes com TEA em sua futura prática profissional?**
 Sim



- () Não
 () Talvez

Percepção sobre Preparo Acadêmico

Utilize para responder:

1 - Discordo totalmente 2 - Discordo parcialmente 3 - Nem concordo nem discordo 4 - Concordo parcialmente 5 - Concordo totalmente

1. () Meu curso oferece conteúdo teórico adequado sobre TEA
2. () Tenho oportunidades suficientes de atendimento clínico a pacientes com TEA
3. () A carga horária dedicada ao tema é satisfatória
4. () Os professores estão bem preparados para orientar sobre o atendimento a pacientes com TEA
5. () As clínicas da instituição estão adaptadas para receber pacientes com TEA

Autoavaliação de Competências Clínicas

Utilize para responder:

1 - Discordo totalmente 2 - Discordo parcialmente 3 - Nem concordo nem discordo 4 - Concordo parcialmente 5 - Concordo totalmente

Sinto-me preparado para:

1. () Realizar avaliação inicial adequada de um paciente com TEA
2. () Adaptar a comunicação conforme as necessidades do paciente com TEA
3. () Manejar comportamentos desafiadores durante o atendimento
4. () Adaptar o ambiente odontológico para reduzir estímulos sensoriais adversos
5. () Orientar familiares/cuidadores sobre saúde bucal de pacientes com TEA

Em uma escala de 0 a 10, como você avalia seu preparo geral para atender pacientes com TEA?

Resposta numérica: [____]

Dificuldades Percebidas e Estratégias de Manejo

Classifique o nível de dificuldade:

Aspectos do Atendimento	1	2	3	4	5
Comunicação com o paciente	[]	[]	[]	[]	[]
Manejo de comportamentos repetitivos	[]	[]	[]	[]	[]
Lidar com sensibilidades sensoriais (sons, luzes, etc.)	[]	[]	[]	[]	[]
Obter cooperação durante procedimentos	[]	[]	[]	[]	[]
Realizar exame clínico completo	[]	[]	[]	[]	[]
Realizar procedimentos invasivos	[]	[]	[]	[]	[]
Orientar familiares/cuidadores	[]	[]	[]	[]	[]
Gerenciar o tempo de consulta	[]	[]	[]	[]	[]

Conhecimento sobre Estratégias de Manejo



Estratégias	1 Não conheço	2 Já ouvi falar	3 Conheço parcialmente	4 Conheço bem	5 Conheço e aplico
Comunicação visual através de imagens/pictogramas	[]	[]	[]	[]	[]
Técnica "contar-mostrar-fazer" adaptada	[]	[]	[]	[]	[]
Uso de histórias sociais	[]	[]	[]	[]	[]
Redução de estímulos sensoriais adversos	[]	[]	[]	[]	[]
Uso de pesos corporais/mantas ponderadas	[]	[]	[]	[]	[]
Adequação da luminosidade e ruídos	[]	[]	[]	[]	[]
Dessensibilização sistemática	[]	[]	[]	[]	[]
Reforço positivo	[]	[]	[]	[]	[]
Distração estruturada	[]	[]	[]	[]	[]
Trabalho com terapeutas ocupacionais	[]	[]	[]	[]	[]
Integração com psicólogos comportamentais	[]	[]	[]	[]	[]
Interação com educadores especiais	[]	[]	[]	[]	[]

Atitudes e Sentimentos



Quais sentimentos você experimenta ou acredita que experimentaria ao atender um paciente com TEA? (Pode marcar mais de uma)

- () Ansiedade
- () Insegurança
- () Frustração
- () Desafio positivo
- () Satisfação profissional
- () Medo
- () Empatia
- () Outro: _____

Sugestões para Aprimoramento da Formação Acadêmica

Quais são as principais barreiras percebidas?

- () Falta de conteúdo teórico no currículo
- () Falta de experiência prática
- () Falta de treinamento dos professores
- () Inadequação das clínicas
- () Falta de interesse dos alunos
- () Outro: _____

Você acredita que o atendimento a pacientes com TEA deveria ser:

- () Uma competência básica de todos os cirurgiões-dentistas
- () Uma especialidade específica
- () Depende das necessidades do paciente
- () Não tenho opinião formada

Como tecnologias educacionais podem ajudar?

- () Melhorar a experiência prática simulada



- () Facilitar o aprendizado de técnicas de manejo
() Ajudar na adaptação dos ambientes odontológicos
() Melhorar a comunicação clínica
() Não vejo grande contribuição
() Outro: _____

Deseja fazer outra sugestão sobre o tema da pesquisa?

- () Sim, gostaria de sugerir mais estágios em centros especializados
() Sim, gostaria de sugerir integração maior entre cursos da saúde
() Não tenho sugestões adicionais
() Outro: _____



APÊNDICE B – PARECER SUBSTANCIADO CEP

UNIVERSIDADE
FRANCISCANA



Continuação do Parecer: 7.713.111

Orçamento	Orcamento_corrigido.pdf	01/07/2025 14:44:23	FREITAS	Aceito
Cronograma	Cronograma_Atualizado.pdf	01/07/2025 14:42:20	VERIDIANA PEREIRA DE SA DE FREITAS	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETOTEA_Corrigido_1.pdf	01/07/2025 14:40:35	VERIDIANA PEREIRA DE SA DE FREITAS	Aceito
Orçamento	Orcamento_corrigido.docx	09/06/2025 10:40:15	VERIDIANA PEREIRA DE SA DE FREITAS	Aceito
Outros	Carta_Resposta_Pendencias_Corrigido. docx	09/06/2025 10:34:22	VERIDIANA PEREIRA DE SA DE FREITAS	Aceito
Outros	Questionario_TEA_corrigido.docx	09/06/2025 10:26:15	VERIDIANA PEREIRA DE SA DE FREITAS	Aceito
Outros	TERMO_DE_CONFIDENCIALIDADE.do cx	09/06/2025 10:24:10	VERIDIANA PEREIRA DE SA DE FREITAS	Aceito
Parecer Anterior	PB_PARECER_CONSUBSTANCIADO_ CEP_7598164.pdf	09/06/2025 10:20:14	VERIDIANA PEREIRA DE SA DE FREITAS	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.docx	09/06/2025 10:17:27	VERIDIANA PEREIRA DE SA DE FREITAS	Aceito
Cronograma	Cronograma_corrigido.docx	09/06/2025 10:00:53	VERIDIANA PEREIRA DE SA DE FREITAS	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETOTEA_Corrigido.docx	09/06/2025 10:00:28	VERIDIANA PEREIRA DE SA DE FREITAS	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_Rosto_Veridiana_de_Freitas. pdf	09/06/2025 09:54:29	VERIDIANA PEREIRA DE SA DE FREITAS	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	autorizacao.jpeg	05/05/2025 20:34:18	Luisa Comerlato Jardim	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Endereço: Rua dos Andradas, 1614, Conj I, prédio 7, 6º andar-sala 601 A
 Bairro: Centro CEP: 97.010-032
 UF: RS Município: SANTA MARIA
 Telefone: (55)3220-1200 Fax: (55)3222-1289 E-mail: cep@ufn.edu.br